

UMA TRADUÇÃO PARA A BIBLIOTECA COLONIAL: JULES PERRUCHON E A CONSTRUÇÃO DE *LES CHRONIQUES DE ZAR'A YÂ'EQÔB ET BA'EDA MÂRYÂM, ROYS D'ÉTHIOPIE DE 1434 A 1478* (1893)

VITOR BORGES DA CUNHA¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹ UFPEl – vitorbcunha94@gmail.com

² UFPEl – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, irei abordar o papel de Jules Perruchon (1854-1907), um tradutor de textos etíopes, na construção da biblioteca colonial. Perruchon foi um historiador, tradutor e filólogo. Segundo consta no catálogo disponível na Biblioteca Nacional da França, sua primeira tradução foi publicada em 1890, quando tinha 36 anos. A esta, seguiram-se mais algumas traduções, trabalhos de filologia e edições de coletâneas com traduções. Vinculado à École pratique de Hautes Études, importante instituição intelectual da França, pode-se dizer que Perruchon tinha uma visibilidade considerável em seu tempo, o que lhe conferia um poder de circulação entre seus colegas. O autor foi, portanto, parte de uma engrenagem que fazia girar o motor da história e ressignificava passados e experiências: o colonialismo.

A experiência colonial dos séculos XIX e XX criou uma nova configuração histórica e novos discursos sobre tradições e culturas africanas. Segundo Valentim Mudimbe, pode-se elencar três pontos principais da organização colonial que se constitui a partir da relação entre colonizado e colonizador: (1) procedimentos de aquisição, distribuição e exploração de terras; (2) políticas para domesticar nativos; (3) formas de gerir organizações antigas e implementar novos modos de produção. Para se chegar a isso, 3 ações complementares poderiam ser necessárias: (1) dominar o espaço físico, (2) impor uma reforma das mentes nativas, e (3) constituir uma integração das histórias econômicas locais segundo uma perspectiva ocidental (MUDIMBE, 2013, p.16)

Alinhado ao posicionamento de Mudimbe, acredito que seja possível pensarmos um enquadramento para os tradutores institucionalizados na Europa colonialista dentro da estrutura que mantinha a organização colonial operante. O trabalho de um filólogo e tradutor parece contribuir para os três pontos principais elencados por Mudimbe. Contribuir para que seu governo possa utilizar as informações escritas pelos nativos a seu favor serviria tanto em situações de conflito bélico (por exemplo, por conhecimentos do terreno em questão) quanto em situações de administração colonial (distribuição de territórios conquistados para fins administrativos, por exemplo). Além disso, uma tradução provê conhecimento da cultura traduzida, o que auxilia na hora de tramarmos políticas que visem o controle do colonizado e/ou alterar a forma com que estes se relacionam com o espaço físico e temporal.

O tradutor, portanto, era útil para o colonialismo europeu. Na prática, porém, são múltiplas as formas de produzir uma tradução. Para compreender isso, é importante entender que o tradutor ocupa um papel de privilégio em um espaço de litígio, sendo que o mais importante desse papel é a forma com que ele se aproxima do texto original e produz um novo (CORTÈS, 1997, p.22). Isso posto, questiono: qual era o interesse de Perruchon ao traduzir textos abissínicos para o francês no final do século XIX? Mais especificamente, qual era o interesse em traduzir as crônicas a respeito de dois governantes etíopes?

2. METODOLOGIA

Les Chroniques de Zar'a Yâ'eqôb et Ba'eda Mâryâm, Roys d'Éthiopie de 1434 a 1478 (texte éthiopien et traduction) foi publicada em 1893. Segundo Perruchon, o manuscrito principal para a escrita da tradução estava catalogado como o *manuscrit oriental n° 821* no British Museum. Além deste manuscrito, ele utilizou o *ms.143*, presente no *Catalogue des manuscrits éthiopiens (gheez et amharique) de la Bibliothèque nationale*, organizado por M. Zotenberg e publicado em 1877; e o *manuscrito n° 118* da coleção particular de M. Antoine d'Abbadie, descrita no *Catalogue raisonné de manuscrits éthiopiens appartenant a Antoine d'Abbadie*, publicado em 1859.

Os documentos levados pelos britânicos tiveram diferentes rumos. No caso do *manuscrit oriental n° 821*, ele foi para o British Museum (não se sabe se adquirido, doado ou alugado). No *Catalogue of the Ethiopic Manuscripts in the British Museum acquired since the year 1847*, de autoria de W. Wright e publicado em 1877, o manuscrito em questão está catalogado com o número 392 e é descrito desta forma: “Papel, cerca de 12 polegadas por 8; foll. 598, com três folhas em branco no final; 3 colunas, 26 linhas. Ordenadamente escrito e datado de A.M. 7344 = 1851 d.C.” (WRIGHT, 1877, p. 315). Logo após, Wright faz um breve resumo dos textos presentes no que ele chama de *Compendium of History*. Já o *ms.143* do *Catalogue des manuscrits éthiopiens (gheez et amharique) de la Bibliothèque nationale* é descrito da seguinte forma por M. Zotenberg: “Coleção de anais dos reis da Etiópia Cristã, escritos, no ano 7278 do mundo [equivalente a 1777], em Mâ'hdara-Mâryâm, da ordem do dadjazmâtch 'Hayloi” (ZOTENBERG, 1877, p.216). Zotenberg fala, também, que “A maior parte dessa compilação foi copiada de uma crônica mais antiga, cujo exemplar foi escrito por volta de 1600 [...]” (ZOTENBERG, 1877, p.216). Uma das cópias existentes desse documento é, justamente, o *ms.118* do *Catalogue raisonné de manuscrits éthiopiens appartenant a Antoine d'Abbadie*. Abbadie aponta que o conteúdo do documento é o mais completo que já havia entrado em contato a respeito da Etiópia (ABBADIE, 1859, p.133). O texto trata sobre os governantes abissínicos da dinastia salomônica, indo desde o primeiro, 'Amda Zyion, até Yohanis, que iniciou seu governo em 1842.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A publicação, portanto, foi construída até muito próximo do período em que foi apropriada pela biblioteca colonial europeia. Segundo Valentin Mudimbe (2013a), a biblioteca colonial é a ideia de que, na interpretação das realidades africanas, feita tanto por agentes externos quanto por africanos, são utilizados enunciados formulados no passado por diferentes observadores externos que acabaram por constituir o que José Macedo aponta como “regimes de verdade”, que servem de recursos de autoridade para uma “razão etnológica” empregada nessas interpretações (MACEDO, 2016, p.287-288).

Para minha análise, a biblioteca colonial pode ser entendida como toda a produção que se pauta por uma epistemologia imposta pelo colonialismo. Isso porque esses manuscritos abissínicos, ao serem compilados, editados e traduzidos por europeus no final do século XIX, estavam sendo incorporados pela cultura receptora e contribuindo para a exploração colonial. Segundo Johan Heilbron e Gisèle Sapiro, a tradução depende de um espaço de relações internacionais que se constitui a partir da existência de Estados-nações e grupos linguísticos ligados

por relações de concorrência e rivalidade. Neste sistema de relação entre países, suas culturas e línguas, seus recursos econômicos, políticos e culturais estão distribuídos e contribuem para as trocas assimétricas presentes nessas relações de dominação (HEILBRON; SAPIRO, 2008, p.29).

Essa troca assimétrica presente nas relações de dominação é perceptível no caso abissínio. As relações entre a Etiópia Cristã, espaço político que comporta áreas de diferentes países do Chifre da África, e a Europa data de períodos muito antigos. Para o caso deste trabalho, cabe analisar essa relação no final do século XIX. Segundo Harold Raugh, “Lij Kassa, um ambicioso senhor da guerra na Abissínia do século XIX, foi coroado Imperador Theodore II em 1855” (RAUGH, 2004, p.2). Raugh destaca a inabilidade de Theodore II para governar, gerando atritos internos e externos para a Abissínia. Quanto aos atritos externos, Raugh aponta que

Ele aprisionou o capitão Charles D. Cameron, que havia chegado à Abissínia em 1862 para servir como seu conselheiro, assim como outros europeus. Eventualmente, em 13 de agosto de 1867, a Grã-Bretanha autorizou a intervenção militar para libertar os prisioneiros. [...] a força expedicionária britânica invadiu a fortaleza montanhosa de Theodore em Magdala em 13 de abril de 1868 e libertou os reféns. Theodore, percebendo a desesperança de sua situação, se matou. (RAUGH, 2004, p.2)

Como fica perceptível, Theodorus teve desavenças com os representantes britânicos em seu território. Segundo o relato de Hormuzd Rassam, os motivos dessas prisões não estavam claros, mas, ao que tudo indica, elas foram fruto de desrespeitos cometidos por europeus a Teodoro. Em uma passagem do relato de Rassam, ele menciona uma conversa com o vice-cônsul da França, na qual ele teria tido que “[...] Sua Majestade não havia sido tratada com o devido respeito e consideração pelos europeus em geral.”. É justamente isso que o próprio Theodorus expressa a Rassam em um de seus encontros, queixando-se de atitudes tomadas por Cameron e pelo reverendo Stern, chefe dos Missionários Protestantes que estavam na Etiópia Cristã (RASSAM, 1869, p.249). Cameron, segundo Theodorus, não cumpriu seu pedido de transmitir uma carta à Rainha Vitória. Ao invés disso, ele teria ido se encontrar com turcos, inimigos de Theodorus. O reverendo Stern, por sua vez, teria inferiorizado as origens de Theodorus e entrado na Etiópia Cristã sem a sua autorização. Além disso, os acompanhantes de Stern teriam sido grossos com o governante quando questionados sobre a não utilização de um Bâldărăbâ, prática comum na Etiópia Cristã do período. Theodorus, então, mandou espancar os acompanhantes e Stern. Durante isso, um livro caiu do bolso de Stern. Nele, estava dito que Theodorus era um assassino. Por conta disso, Theodorus mandou investigar os pertencentes de Stern e encontrou outras ofensas à sua origem e a ele (RASSAM, 1869, p.300-301).

A prisão desses indivíduos, pelo que vemos aqui, deveu-se a desrespeitos cometidos pelos europeus a um africano. Esses desrespeitos podem ser entendidos a partir do que Homi Bhabha chama de estereótipo. Para o autor, o estereótipo é uma simplificação por ser uma forma presa de representação (BHABHA, 2013, p.117). Theodorus é estereotipado como um indivíduo antiquado, que, segundo Rosenthal autor de uma das cartas sob posse de Stern, era o “[...] ‘Rei das Bestas Selvagens’” (RASSAM, 1986, p.301). É nesse contexto que Jules Perruchon produz sua tradução. Como já dito, o tradutor é, também, importante para o colonialismo. Neste subcapítulo, abordarei especificamente a

tradução das crônicas de Zar'a Yā'eqob e Ba'edā Māryām no contexto anteriormente apresentado.

4. CONCLUSÕES

Feita no final do século XIX por Jules Perruchon, um francês, a obra serviu para enriquecer a biblioteca colonial europeia – até porque seu tradutor era francês, mas o texto traduzido se encontra(va) no British Museum, o que demonstra uma ligação entre estes espaços intelectuais. As relações entre o governante Tewodros II (1855-1868) e europeus, bem como a forma com que a tradução foi conduzida, demonstram que o colonialismo se faz presente tanto como uma forma de dominação política quanto cultural. Portanto, o objetivo deste trabalho foi refletir sobre como o colonialismo molda o passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADIE, A. d' (ed.). **Catalogue raisonné de manuscrits éthiopiens appartenant à Antoine d'Abbadie**. Paris: Imprimerie Impériale, 1859.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CORTÉS, O. C. i. **Traducir al otro: Traducción, exotismo, poscolonialismo**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1997.

HEILBRON, J.; SAPIRO, G. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: SAPIRO, G. (Org.). **Translatio: Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation**. Paris: CNRS Éditions, 2008.

MACEDO, J. Intelectuais africanos e estudos pós-coloniais: considerações sobre Paulin Hountondji, V. Y. Mudimbe e Achille Mbembe. **Opsis**, Catalão, vol. 16, nº 2, p.280-298, 2016.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África**. Portugal: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013a.

MUDIMBE, V. Y. **A ideia de África**. Portugal: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013b.

PERRUCHON, J. (Ed.). **Les Chroniques de Zar'a Ya'eqob et Ba'eda Māryām, Roys d'Éthiopie de 1434 a 1478** (texte éthiopien et traduction). Paris: Émile Bouillon, 1893.

RASSAM, H. **Narrative of the British Mission to Theodore, King of Abyssinia; with notices of the countries traversed from Massowah, through the Soodân, the Amhâra, and back to Annesley bay, from Mágdala**. Londres: John Murray, 1869. Vol. 1.

RAUGH, H. E., Jr. **The Victorians at War, 1815-1914: An Encyclopedia of British Military History**. Santa Barbara: ABC Clio, 2004.

WRIGHT, M. (Ed.) **Catalogue of the Ethiopic Manuscripts in the British Museum acquired since the year 1847**. Londres, 1877.

ZOTENBERG, H. (Ed.). **Catalogue des manuscrits éthiopiens (gheez et amharique) de la Bibliothèque nationale**. Paris: Imprimerie Impériale, 1877.